

OS ARQUÉTIPOS FEMININOS DA MITOLOGIA GREGA E ROMANA NA DRAMATURGIA

Aline Melo da Silva¹

É pela busca de um sentido para a vida que a humanidade descobriu novos caminhos. A partir daí, percebeu que havia a necessidade do encontro com o outro para enfim encontrar-se consigo mesmo. E foi na busca da verdade e encontro com a alma que os mitos aproximaram o homem aos deuses.

Este estudo versa sobre a concepção dos arquétipos femininos, baseados nas sete principais deusas do panteão greco-romano para o conhecimento e construção dramática das personagens. Com base em estudos antropológicos, especialmente pautados nas teorias de Jung e Bolen evidenciam-se mitos em imagens contemporâneas espelhadas nos papéis e significados das deusas no mundo antigo. Pretende-se mostrar que os arquétipos estão submersos no inconsciente coletivo, representados na literatura através de pensamentos, sentimentos e instintos femininos e podem ser projetados para a construção mais aprofundada de personagens para o teatro.

Ser esposa, mãe, filha, estrategista, guerreira, amante ou reservada, em alguns casos, pode ser uma escolha da mulher ou até mesmo imposição da sociedade em que vive. Hoje, a mulher traz em si alguns desses arquétipos que são de suma importância na construção de personagens, pois ajuda a traçar a personalidade e atribuições de caráter presentes na mesma.

Pretende-se destacar a importância do conhecimento dos arquétipos femininos; analisar a vida da mulher contemporânea; entender a construção dos personagens femininos da dramaturgia traçando um paralelo com a mitologia; verificar, baseando-se nos estudos junguianos, como os arquétipos influenciam as mulheres; enfatizar que ao conhecer o arquétipo de Deusa predominante, a mulher pode descobrir-se na vida e criar-se na dramaturgia, ativando suas potencialidades e controlando o que o arquétipo lhe trouxe de negativo.

¹ Graduanda em Produção Cênica pela Faculdade Machado Sobrinho, Juiz de fora. Orientada pelo professor Adson Luiz Vargas. alinemelosilva@hotmail.com

Os questionamentos que serão discutidos nessa pesquisa estão relacionados aos mitos das deusas: Ártemis, Atenas, Héstita, Hera, Deméter, Perséfone e Afrodite, como eram conhecidas pelos gregos, ou Diana, Minerva, Vesta, Juno, Ceres, Coré e Vênus respectivamente pelos romanos.

Partindo do pressuposto que indivíduos são seres num mundo cheio de mitos e histórias contidas em cada um e que o mesmo símbolo que pode significar várias conotações diferentes de acordo com cada indivíduo, estamos afirmando de certa maneira a existência dos arquétipos.

A palavra Mitologia vem do grego “Mythos”, que significa fábula e “Logos”, que significa tratado. Assim, a Mitologia designa o conjunto de lendas e mitos que os povos imaginaram e estudaram. As narrativas míticas têm um aspecto, um núcleo e encerram uma verdade. Portanto, não se deve crer que sejam uma ficção caprichosa da imaginação

A mitologia grega tornou-se de grande interesse para os romanos, pois eles nunca haviam imaginado seus mitos relacionados com suas vidas, nem mesmo seus deuses com uma forma humana. Assim, eles foram assimilando os deuses gregos, e Zeus ficou conhecido pelos romanos como Júpiter, Hera como Juno, Hermes como Mercúrio, Atenas como Minerva, Dionísio como Baco, Ártemis como Diana, Hades como Plutão, Deméter como Ceres, Poseidon como Netuno, Hefesto como Vulcano, Perséfone como Coré, ares como Marte, Héstita como Vesta, entre outras personificações; de forma que apenas foram mudados os nomes das divindades que foram “adotadas” pelos Romanos, conservando seus rituais e atributos.

A fusão definitiva do panteão greco-romano deu-se em 148 a.c., quando os romanos conquistaram toda a Grécia.

Os mitos são representados na humanidade e fazem parte dela através de manifestações arquetípicas dos indivíduos. Eles têm como preocupações mais importantes o propósito de vida, o êxito, a crueldade, a morte, a vida, o amor, o ódio, o velho contra o novo, a loucura, o poder, o azar, o destino, a guerra, a fertilidade, os acidentes, o humano contra o divino, as relações familiares, o infortúnio, a magia, a criação e a natureza.

Segundo Jung, os arquétipos fazem parte de um universo pouco definível, mas imprescindível para a compreensão do indivíduo em seu todo.

Não existem definições finais sobre os arquétipo, existem, sim, formas de tentar entender seu funcionamento no homem. A teoria junguiana sugere que os mitos mais poderosos que sobreviveram até hoje foram originados na época anterior ao estabelecimento da civilização. A deidade arquetípica da fertilidade, por exemplo, está presente em talhas pré-históricas da deusa-mãe. Os peitos, músculos e nádegas inchadas destas estatuetas não deixam dúvidas quanto ao propósito de sua veneração: a fertilidade.

As deusas diferem umas das outras. Assim como cada mulher, elas têm traços positivos e negativos. Os seus mitos mostram o que realmente é importante para elas, expressando-se através de metáforas. Algumas estão presentes no interior de cada mulher.

As mulheres gregas colocavam sob domínio de uma determinada deusa sua vocação ou profissão. Elas existem hoje como arquétipos na mulher contemporânea. Jung chama o arquétipo das deusas de “transformadoras”, porque tendem a manifestar-se em momentos de mudança em suas vidas, como adolescência, casamento, morte de um ente querido modificando seus sentimentos, percepções e comportamento. Quando a mulher tem consciência do arquétipo da deusa que a domina e entende qual arquétipo rege sua personagem, adquire conhecimento sobre esse poder. Mesmo que invisíveis, as deusas são poderosas, modelam e influenciam o comportamento e emoções de cada mulher.

A Mitologia Helênica é uma das mais geniais concepções que a humanidade produziu. Os gregos, com sua fantasia, povoaram o céu e a terra, os mares e o mundo subterrâneo de divindades principais e secundárias. Amantes da ordem instauraram uma precisa categoria intermediária para os semideuses e heróis.

No final do século V a.C. Filipe II, rei da Macedônia, dominou as cidades-Estados da Grécia. Depois de sua morte foi sucedido por seu filho Alexandre, que construiu um gigantesco império. [...]Os historiadores modernos deram a esses reinos o nome de helenísticos, termo usado para designar cultura[...] que se desenvolveu nesses reinos após a morte de Alexandre até a conquista final por Roma. (PROENÇA, Graça. História da Arte. São Paulo: Editora Ática, 2000, p. 33)

Os primeiros dados existentes sobre a religião grega são de Lendas Homéricas, do século VIII a.C., mas é possível rastrear a evolução de crenças antecedentes. Quando os dórios, aqueus, jônios e eólios, povos primitivos, chegaram à Grécia, já traziam suas próprias crenças e deuses, entre eles Zeus, protetor dos clãs guerreiros e senhor dos estados atmosféricos. Também assimilaram cultos dos habitantes originais da península, os Pelasgos, como o oráculo de Dodona, os deuses dos rios e dos ventos e Deméter, a deusa de cabeça de cavalo que encarnava o ciclo da vegetação.

Depois de se fixarem em Micenas, os gregos entraram em contato com a civilização cretense e com outras civilizações mediterrâneas, das quais herdaram principalmente as divindades femininas como Hera, que passou a ser a esposa de Zeus; Atena, sua filha; e Ártemis, irmã gêmea de Apolo.

O início da filosofia grega, no século VI a.C., trouxe uma reflexão sobre as crenças e mitos do povo grego. Alguns pensadores, como Heráclito, os Sofistas e Aristófanos, encontraram na mitologia motivo de ironia e zombaria. Outros como Platão e Aristóteles, prescindiram dos deuses do Olimpo para desenvolver uma ideia filosoficamente depurada sobre a divindade. As conquistas de Alexandre o Grande facilitaram o intercâmbio entre as respectivas mitologias, de vencedores e vencidos, ainda que fossem influências de caráter mais cultural que autenticamente religioso. Assim, foram incorporadas à religião helênica a deusa frígia Cibele e os deuses egípcios Ísis e Serápis. Pode-se dizer que o sincretismo, ou fusão pacífica das diversas religiões, foi à característica dominante no período helenístico.

Os romanos, em suas sabedorias singulares, intuíram que a vida estava subordinada ao governo e direcionamento dos deuses. Sua religião, porém, não se baseou na graça divina e sim na confiança mútua entre deuses e homens; e seu objetivo era garantir a cooperação e a benevolência dos deuses para com os homens e manter a paz entre eles e a comunidade.

Entende-se por religião romana o conjunto de crenças, práticas e instituições religiosas no período situado entre o século VIII a.C. e o começo do século IV da era cristã. Caracterizou-se pela estrita observância de ritos e cultos aos deuses, de cujo favor dependiam a saúde e a prosperidade, colheitas fartas e sucesso na guerra. A piedade, portanto, não era compreendida em termos de experiência religiosa individual e sim da

fiel realização dos deveres rituais aos deuses, concebidos como poderes abstratos e não como divindades antropomórficas.

A índole prática dos romanos manifestou-se também na política de conquistas, ao incorporar seu próprio panteão os deuses dos povos vencidos. Sem teologia elaborada, a religião romana não entrava em contradição com essas deidades, nem os romanos tentaram impor aos conquistados uma doutrina própria.

Do grego “arkhétupos”, etimologicamente significa modelo primitivo, ideias inatas. Ficou conhecido como conteúdo do inconsciente ao ser usado por Jung.

"São estruturas virtuais, primordiais da psiquê, responsáveis por padrões e tendências de comportamentos comuns. São anteriores à vida consciente. Não são passíveis de materialização, mas de representação simbólica. Para Jung, são hereditários e representam o aspecto psíquico do cérebro. São universais, comuns a todos os seres humanos e ordenam imagens reconhecíveis pelos efeitos que produzem. Pode-se percebê-los pelos complexos que todos temos, pelas imagens arquetípicas que geram, assim como pelas tendências culturais coletivas" (NOVAES, Adenauer. Mito Pessoal e Destino Humano. Salvador: Fundação Lar Harmonia, 2005, p. 250).

"O arquétipo não é somente um pensamento elementar, mas também uma fantasia e imagem poética elementar, uma emoção elementar e mesmo um impulso elementar dirigido a alguma ação típica" (Franz, Marie-Louisie von. A interpretação dos contos de fadas.SP. Paulus,1990, pag 17.)

De acordo com a psiquiatra norte americana Jean Shinoda Bolen, em seu livro As Deusas e a Mulher – Nova Psicologia das Mulheres (Ed. Paulus), os arquétipos femininos, presentes no inconsciente coletivo, são capazes de influenciar a mulher contemporânea em seu modo de ser e agir, tanto quanto influenciou as mulheres que cultuavam as deusas gregas. Bolen dividiu esses arquétipos em três categorias principais: As deusas virgens, consideradas completas em si mesmas e que não precisam da presença masculina para se realizar; as deusas vulneráveis, que dependem da presença dos homens; e a categoria alquímica, representada por Afrodite, que compartilha características dos grupos anteriores e serão abordadas a seguir.

1 AS DEUSAS VIRGENS

1.1 Ártemis – Diana (Deusa da caça e da lua, competidora e irmã)

Enquanto deusa da caça e da lua, Ártemis era uma personificação do espírito feminino independente. O arquétipo que ela representa possibilita a uma mulher procurar seus próprios objetivos num terreno de sua própria escolha.

Como arquétipo de deusa virgem, Ártemis representa um sentido de integridade, umas em si mesma, uma atitude de “sei cuidar de mim mesma” que permite à mulher agir por conta própria, com autoconfiança e espírito independente. Ela sente-se completa sem o homem, saindo ao encalço de interesses e trabalho que são significativos para ela, sem precisar da aprovação masculina.

1.2 Atena – Minerva (Deusa da sabedoria e das artes, estrategista e defensora do patriarcado)

Como deusa da sabedoria, Atenas era conhecida por suas estratégias vitoriosas e soluções práticas. Como arquétipo, ela manifesta-se nas mulheres de mente lógica, governadas mais pela razão do que pelo coração.

A mulher que demonstra pensar bem, manter a calma no ponto mais culminante de uma situação emocional e desenvolver boas táticas no meio do conflito, está sendo como Atenas e “não agindo como um homem”.

1.3 Héstita – Vesta (Deusa da lareira e do tempo, mulher sábia e solteira)

Héstita era a mais velha das três deusas virgens. Ficava dentro de casa ou do templo. Seu arquétipo compartilha a consciência enfocada das outras duas deusas virgens. Contudo a direção interior do foco é diferente. Enquanto as outras enfocam alcançar objetivos, Héstita se concentra em sua experiência interior subjetiva, ficando, por exemplo, totalmente absorvida enquanto medita.

As mulheres que acham que tomar conta de casa é uma atividade significativa e não tanto uma tarefa demonstram o arquétipo de Héstita. Adquirem um sentido de harmonia interior conforme executam as tarefas diárias, o que as leva para a meditação trazendo paz e tranquilidade.

2 AS DEUSAS VULNERÁVEIS

2.1 Hera – Juno (Deusa do casamento, do compromisso e esposa)

Como deusa do casamento, Hera foi reverenciada e injuriada, honrada e humilhada. Ela, mais do que qualquer outra deusa, tem atributos marcadamente

positivos e negativos. O mesmo é verdadeiro para o seu arquétipo. A mulher com forte arquétipo de Hera sente-se fundamentalmente incompleta sem um companheiro. É motivada para o casamento quase que por instinto. Seu desgosto por estar sem um companheiro pode ser uma experiência interior profunda e ofensiva, fato que pode levar tal mulher a desenvolver um espírito vingativo contra outras mulheres, mas nunca contra o homem.

2.2 Deméter – Ceres (Deusa das colheitas, nutridora e mãe)

Deméter é o arquétipo materno. Representa o instinto maternal desempenhado na gravidez ou através da nutrição física, psicológica ou espiritual dos outros. Esse poderoso arquétipo pode ditar o rumo que tomará a vida de uma mulher, pode ter um impacto nos outros e pode predispor-la à depressão, caso a sua necessidade de alimentar seja rejeitada ou frustrada.

O arquétipo de Deméter deseja ardentemente ser mãe. Uma vez que se torna mãe, acha isso um papel realizador. Assim, ser mãe é a atividade mais importante e funcional na vida dessa mulher. Mas o arquétipo não está restrito a somente ser mãe, a mulher pode desenvolver profissões nas quais possa ser educadora, enfermeira ou quaisquer empregos em que possa ajudar os outros.

2.3 Perséfone – Coré (A jovem rainha do inferno, mulher receptiva e passiva)

Perséfone como arquétipo predominante predispor a mulher a não agir, mas a ser conduzida pelos outros, a ser complacente na ação e passiva na atitude. Permite também à mulher parecer eternamente jovem.

A deusa Perséfone tinha dois aspectos, o de jovem e o de rainha do inferno. Essa dualidade também está presente como dois padrões arquetípicos. As mulheres regidas por Perséfone podem ser influenciadas por um dos dois aspectos, podem crescer de um para o outro, ou podem ter igualmente a jovem e a rainha presente em suas psiques. A receptividade dessa mulher a torna muito maleável. Se as pessoas significativas projetam uma imagem ou expectativa nela, ela inicialmente não resiste. É seu padrão ser como camaleão, “provar” o que quer que os outros esperem dela.

3 A DEUSA ALQUÍMICA

Afrodite – Vênus (Deusa do amor e da beleza, mulher criativa e amante)

O arquétipo de Afrodite governa o prazer do amor e da beleza, da sexualidade e da sensualidade das mulheres. A esfera do amante manifesta uma poderosa atração em muitas mulheres. Ela impele as mulheres a preencherem funções criativas e pro criativas.

Toda mulher que se apaixona por alguém que também está enamorado dela é, naquele momento, uma personificação do arquétipo de Afrodite. Essa mulher se apaixona facilmente e frequentemente. Possui um magnetismo pessoal que induz os outros mais intimamente numa campo eroticamente carregado, que intensifica a percepção sexual.

Afrodite incorpora uma autonomia semelhante às deusas virgens, mas também possui aspectos das deusas vulneráveis. Sua consciência é dirigida por objetivos difusos. Ela não sofre, no entanto, como as deusas vulneráveis, pois não está ligada a nenhum homem, nunca foi vítima de uma paixão indesejada de um homem para com ela, os desejos sempre eram mútuos. No entanto, ao contrário de Atena, Ártemis e Héstia, Afrodite deu à luz e tornou-se assim mãe. A deusa Alquímica valoriza as experiências emocionais com os outros.

Este arquétipo manifesta-se em mulheres que admiram homens com a capacidade para o sucesso e combatividade, que sejam criativos envolvendo-se com eles como seu inspirador. Sente-se confortável com múltiplas relações ou casos extraconjugais.

O conhecimento dos arquétipos femininos, com suas qualidades e defeitos, na dramaturgia se fazem útil e prático na construção psíquica e na formação do caráter das personagens. Na procura por novos referencias de estudo encontramos os arquétipos que se repetem desde a Idade das Pedras até hoje e no teatro vemos esse inconsciente coletivo tomar forma e vida.

A criação de uma personagem pautada no conhecimento dos arquétipos deste estudo ajudará o encenador a entender os dons da mulher representada e usa-los em seu próprio benefício. Quanto as deficiências desses arquétipos devem ser dosados ou superados de modo que os lados positivos e negativos de cada deusa traga o equilíbrio necessário para a trama.

Os homens também carregam traços dos arquétipos de várias deusas, pois estas espelham as energias femininas na psique masculina, embora, via de regra os homens vivenciam-nas como exteriores a si próprios, ou seja, através das mulheres pelas quais são atraídos ou pelas quais se sentem fortemente provocados.

A expansão do conhecimento sobre os arquétipos das deusas trará para o encenador/pesquisador uma abordagem mais limpa e com o embasamento psicológico adequado para a personagem facilitando a construção da personalidade e carga dramática que deverão ser apresentadas no palco.

REFERÊNCIAS

BOLEN, Jean Shinoda. As deusas e a mulher: nova psicologia das mulheres. São Paulo: Edições Paulinas, 1990. (Coleção amor e psique).

BRANDÃO, Junito de Souza. Mitologia Grega. 5ª Ed. Petrópolis, Vozes, 1989. v.1.

_____. Mitologia Grega. 5ª ed. Petrópolis, Vozes, 1989. v.2.

_____. Teatro Grego. 5ª ed. Petrópolis, Vozes, 1990.

BONAVENTURE, Jette. Variações sobre o tema mulher. São Paulo:Paulus, 2000.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. 12ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. (Coleção arcos do tempo).

BULFINCH, Thomas. O livro de ouro da mitologia: histórias de deuses e heróis. 34ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2012.

VEYNE, Paul. Acreditavam os gregos em seus mitos. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CLARKE, Lindsay. A guerra de Tróia. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

PARIS, Ginette. Meditações pagãs: os mundos de Afrodite, Ártemis e Héstia. Petrópolis: Vozes, 1994. (Coleção psicologia analítica).

Dicionário crítico de análise Junguiana. Disponível em: <<http://www.rubedo.psc.br/dicjung/verbetes/sombra.htm>>. Acesso em 01 out. 2013.

Arquétipos Femininos. Disponível em: <<http://www.otempo.com.br/divers%C3%A3o/magazine/arqu%C3%A9tipos-femininos-1.376752>>. Acesso em 01 out. 2013.

Arquétipos para a Construção de Personagens. Por Sandro Massarani. Disponível em: <<http://www.massarani.com.br/Rot-Arquetipos-Cinema-Roteiro.html>>. Acesso em: 15 out. 2013.

Arquétipo, sombra e Projeção (C.G. JUNG). Disponível em: <
<http://jung2009.wordpress.com/resumo-arquetipo-sombra-e-projecao/>> . Acesso em: 15 out.
2013.